

# SOBRE A QUESTÃO IDENTITÁRIA HISPANO-AMERICANA<sup>1</sup>

Thaís Collet<sup>2</sup>

## Introdução

Este artigo trata da questão do nacionalismo e da busca da identidade, trazendo um breve histórico da luta dos hispano-americanos pelo reconhecimento de uma identidade que os diferencie da Espanha, mostrando como esta luta se deu durante a colonização e independência dos países americanos e como está atualmente.

O corpus deste trabalho foi a obra *Andamios* do escritor uruguaio Mario Benedetti. No livro, a personagem principal, Javier Montes, por questões políticas, vive doze anos exilado na Espanha. Durante este período de extrema nostalgia, ele sempre busca pessoas, coisas e fatos que o façam lembrar do seu país de origem, que tanto sente falta. Ainda que a Espanha o tenha acolhido num momento crítico de sua vida, Javier não se deixa influenciar pela cultura espanhola. No retorno, a personagem, na busca da sua identidade e conseqüente identificação com seus conterrâneos, tenta sobrepor essa vivência no exterior e reintegrar-se à sociedade uruguaia.

A obra apresenta uma apreciação da realidade hispano-americana. Apesar de ser ficção, retrata parte de uma história ainda muito recente para todos aqueles que viveram a ditadura e participaram, de algum modo, da época de repressão, não só no Uruguai como em todo o mundo.

## O AUTOR E A OBRA

Mario Benedetti nasceu em Paso de los Toros, Uruguai, em 1920 e morreu em Montevideu em 2009. Atuou como funcionário público, jornalista e tradutor. Por defender idéias esquerdistas teve de se exilar durante a ditadura uruguaia (1973-1985), vivendo entre Argentina, Peru, Cuba e Espanha. Benedetti foi o que pode se chamar, em espanhol, de polígrafo, que escreve sobre várias matérias. Ele transitou por todos os gêneros literários, foi autor de novelas, contos, poesias, ensaios, crítica

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado da monografia apresentada ao curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Maria/RS, sob a orientação da profa. Dra. Luciana Ferrari Montemezzo.

<sup>2</sup> Graduada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. E-mail: thais\_collet@hotmail.com

literária, crônicas humorísticas, roteiros cinematográficos, peças de teatros, etc. Publicou dezenas de obras, traduzidas para vários idiomas, e foi um dos intelectuais mais ativos na América Hispânica.

O livro *Andamios*, escrito em 1996, conta a história de um uruguaio que retorna à sua pátria depois de viver doze anos exilado na Espanha. O livro está dividido em setenta e cinco capítulos que, segundo o autor, são os andaimes para apoiar o regressado. Por isso, o título da obra é *Andamios*, andaimes em português. Cada capítulo é um suporte a mais na tentativa da personagem, que deixa sua filha e sua ex-esposa na Espanha, de reencontrar-se consigo e com seu país:

*-Es una novela de setenta y cinco capítulos, setenta y cinco andamios que son estructuras adicionales que se hacen cuando se está construyendo una casa. Después de doce años de dictadura, Uruguay ha entrado en la etapa de reconstrucción democrática, pero sin terminar, por lo tanto precisa andamios. Esta es la metáfora del título. Son los encuentros y desencuentros de un exiliado que vuelve a su país, un desexiliado, una palabra que yo inventé. Como pasa con cualquier exiliado, tiene encuentros felices, otros más desgraciados y desengaños. La vuelta al país siempre es un cocktail de sensaciones. (BENEDETTI, 2000)*

De volta a Montevideú, a personagem principal, Javier Montes, vai morar numa praia isolada, onde sofrerá seu “desexílio”. De sua casa, Javier mantém contato com a Espanha, escrevendo artigos para uma agência de notícias e trocando cartas com sua filha e com sua ex-esposa. Depois de tanto tempo afastado do Uruguai, tem a oportunidade de rever seus antigos companheiros e saber o que aconteceu com eles. Apesar das muitas histórias tristes, Javier sente-se feliz por estar vivo e por poder conviver novamente com seus amigos.

O livro está escrito numa linguagem direta e freqüentemente coloquial, apresentando muito do humor rio-platense. O narrador, onisciente, participa de todas as preocupações e inquietações da personagem em ser aceita novamente em seu país.

### **Sobre a identidade hispano-americana**

É próprio do ser humano questionar-se a respeito da sua identidade, seja pela busca da identidade universal ou individual. Isso se deve à necessidade do homem de afirmar-se e de saber quem é. A respeito dessa necessidade, Briceño (2000, p. 11-12) comenta:

*Pero ante la identidad del hombre universal se erige la identidad del hombre individual con todo lo que éste tiene de singular, particular, irreplicable. Entre esos dos polos, el universal y el individual, se sitúan las identidades de etnia, pueblo, cultura, nación, clase [...] En cualquiera de esos polos y niveles, el hombre, porque está dotado de autoconciencia, se pregunta quién es y necesita darse alguna respuesta.*

Na América, desde os tempos da colonização, o povo vem lutando pela busca e pelo reconhecimento de sua identidade. Para Bernd (1992, p. 15), “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade.” Os americanos querem provar que são diferentes, que têm uma história e que conseguem formar um futuro. Apesar da colonização, a América quer mostrar que não é uma *mimesis* da Pátria-mãe e, para isso, precisa comparar para provar em que aspectos é diferente. Segundo Moraña (1988, p. 231), o sentimento de identidade americana na América teve início junto com o sentimento da consciência crioula. Os crioulos eram filhos de espanhóis e ou filhos de espanhóis com nativos americanos (índios) que nasceram e habitavam aqui na América. Os crioulos logo sentiram a indiferença da Península para com eles. Mas a partir de Moraña (1988, p. 235), pode-se entender que:

*El surgimiento del "espíritu criollo" es, sin embargo, muy anterior. Los estudios de historia social lo remontan en general al resentimiento de los conquistadores y primeros pobladores "americanizados" que se sentían mal recompensados por la Corona y afirmaban sus derechos en contraposición a los residentes de la Península, quienes controlaban los mecanismos de poder, prebendas y recompensas destinadas a los pobladores de Indias.*

Entretanto, foi com o movimento literário “Barroco de Indias” que emergiu o sentimento crioulo e originou-se a luta contra a visão marginalizada da América pela Espanha:

*[...] es también en el contexto de la cultura barroca que aparecen las primeras evidencias de una conciencia social diferenciada en el seno de la sociedad criolla. Esas formas incipientes [...] de conciencia social hablan a las claras, sin embargo, de la dinámica creciente de las formaciones sociales de ultramar, y no es errado ver en ellas el germen, aún informe, de las identidades nacionales. (MORAÑA, 1988, p. 231)*

É, então, a partir de uma nova classe com dinheiro e poder formada pelos crioulos, que começa a luta pelo reconhecimento da sociedade americana, uma sociedade capaz de pensar e

desenvolver-se independentemente. Porém foi, sem dúvida, na época das independências (1810–1830), que se deu uma “tomada de consciência da identidade hispano-americana” (GONÇALVES, 1992, p. 149). A América sempre se uniu para tomar-se independente e diferenciar-se da Pátria-mãe. Segundo Gonçalves (1992), quando começaram as lutas pela Independência da Espanha, Simon Bolívar, se preocupava com o destino do continente como um todo e não pensava na divisão da América em países. No entanto, a divisão da América em países foi inevitável.

Hoje, busca-se novamente a integração da América e, conseqüentemente, a união dos países. Um exemplo é a identificação de países como a Argentina, o Uruguai e o Brasil que se uniram para formar um grupo forte economicamente. Além da integração econômica, o MERCOSUL proporciona a integração social e cultural dos países que dele fazem parte.

### **A identidade hispano-americana em *Andamios***

Cunha-Giabbai (1997) comenta como Benedetti trata da questão da identidade hispano-americana em seus livros:

*Benedetti, por lo tanto, asume la categoría de un descubridor que percibió que los hijos de esos europeos ya no se sentían inmigrantes, sino ‘montevideanos’ e hispanoamericanos porque pensaban, vivían y sufrían, en criollo y al margen, la diaria crisis de su comarca y el mundo.*

Em *Andamios*, Javier Montes, após doze anos de exílio político na Espanha, volta ao Uruguai com o desejo de reafirmar sua identidade. Mas o homem que regressa está mudado e a cidade que encontra não é mais a mesma. O "desexílio" implicará, então, readaptar-se, pois:

A volta à casa natal é um momento-chave na vida de uma pessoa: retorno a si mesmo, reconhecimento de um país estranho situado dentro de si, reconstrução de um tempo, sendo o lugar a representação metafórica do tempo. Uma origem é sempre procurada, para enraizar a identidade. (BERRY, 1991, p. 19)

Estar longe de seu lugar já é algo difícil. Ainda mais difícil é estar fora por obrigação, como ocorre com os exilados políticos. É diferente de viver no exterior por vontade própria, para conhecer,

trabalhar ou para estudar. O exílio, sem dúvida, deixa muitas marcas, e é normal que um exilado sinta uma imensa saudade de tudo o que ficou pra trás. Benedetti, além de tratar do tema na ficção, também escreve sobre o assunto em seus ensaios:

*Abora bien, el exilio pesa mucho para todos, y por supuesto para el escritor. Sin embargo, creo que hay que asumirlo con una actitud vital. Nadie puede ni quiere quitarse sus nostalgias (sería inhumano, y además inútil, exigimos esa amputación) pero el exilio no debe convertirse en frustración.* (BENEDETTI, 1987, p. 139)

Para Javier, a vida na Espanha havia sido tranqüila, mas simbolizava a dor de estar longe de todo seu passado. Por isso, apesar da Espanha ter-lhe acolhido, Javier sempre se sentiu um uruguaio, evitando, o quanto possível, o processo de assimilação da nova cultura na qual estava inserido. Era nos pequenos detalhes que se percebiam a saudade e a nostalgia que ele sentia de seu país: desde a tentativa de que lhe enviassem à Espanha ingredientes para preparar *fainá*, um prato típico uruguaio, até na escolha, no seu trabalho, durante o exílio trabalhou vendendo quadros, pelo pintor Anglada Camarasa que, embora fosse espanhol, lembrava muito um pintor uruguaio, Blanes Viale. No trecho abaixo, logo após o seu retorno ao Uruguai, Javier conta como foi a vida na Espanha, a tentativa de adaptação e sobre a saudade:

*- Fueron varias etapas. Una primera, ésa en que te negás a deshacer las maletas (bueno, las valijas) porque tenés la ilusión de que el regreso será mañana. Todo te parece extraño, indiferente, ajeno. Cuando escuchás los noticieros, sólo ponés atención a los sucesos internacionales, esperando (inútilmente, claro) que digan algo, alquito, de tu país y de tu gente. La segunda etapa es cuando empezás a interesarte en lo que sucede a tu alrededor, en lo que prometen los políticos, en lo que no cumplen (a esa altura ya te sentís como en casa); en lo que vociferan los muros; en lo que canta la gente... No obstante, a pesar de la adaptación paulatina, a pesar de que vas aprendiendo las acepciones locales, y ya no decís 'vivo a tres cuadras de la Plaza de Cuzco', ni pedís en el estanco (más o menos, un quiosco) una caja de fósforos sino cerillas, ni le preguntás a tu jefe cómo sigue el botija sino el chaval, y cuando el locutor dice que el portero (o sea el golero) 'encajó un gol' sabés que eso no quiere decir que él lo hizo sino que lo hicieron; cuando ya te has metido a codazos en la selva semántica, igual te siguen angustiando, en el recodo más cursi de la almita, el goce y el dolor de lo que dejaste, incluidos el dulce de leche, el fainá, la humareda de los cafés y hasta la calima de la Vía Láctea tan puntillosa en nuestro firmamento y, por obvias razones cosmogónicas o cosmográficas, tan ausente en el cielo europeo.* (BENEDETTI,

Neste trecho, são claras as diferenças lexicais que a personagem apresenta. O novo léxico aprendido na Espanha é posto lado a lado com o vocabulário do espanhol rio-platense. Apesar de utilizar o vocabulário adquirido, Javier se recorda das antigas palavras e demonstra saber quando é usado cada uma. Podemos observar também aqui, pelas desinências dos verbos conjugados no presente do Indicativo (*te negás, tenés, escuchás, ponés, empezás*) o uso do *voseo*. O *voseo* é o uso do pronome *vos* no lugar do *tú*, uma marca do espanhol rio-platense que se diferencia do espanhol da Espanha. O *vos* é usado com naturalidade pela personagem, não ocorrendo em momento algum a troca pelo uso do *tú*, podendo concluir-se, então, que não houve processo de aculturação, conversão e substituição das culturas nativas pelas européias (DE GRANDIS, 1995, p. 22), e, além disso, que a identidade lingüística não se perde facilmente.

Já a filha de Javier, que seguia vivendo na Espanha, nas primeiras cartas que escreve ao pai, utiliza o *vos*:

*Querido Viejito: En realidad, no debería escribirte, porque sos un ingrato, un padre desnaturalizado o algo por el estilo [...] A vos te lo digo porque está el Atlántico de por medio, y además, cosa rara, con vos siempre tuve más confianza [...] (BENEDETTI, 1997, p. 122).*

Porém, logo se mostra confusa: “¿y a ti (a vos) cómo te va en la vida? [...] En cambio tú (o vos) debes (o debés, mecachis, a esta altura ya no sé cuál es mi idioma) [...]” (BENEDETTI, 1997, p. 295). Após o retomo do seu pai, a idéia de continuar vivendo na Espanha lhe passa a ser definitiva (já que os pais haviam se separado) e, por isso, o processo de aculturação se toma aceitável e inevitável.

Javier revê seus irmãos apenas uma vez depois de seu regresso, quando eles vêm dos EUA para uma visita. Javier se decepciona ao encontrar os irmãos dominados pela cultura norte-americana. Gervasio y Fernanda tinham um sentimento completamente oposto ao país de origem: Javier lutava para reconhecer-se como uruguaio e os dois esforçavam-se para não serem mais reconhecidos. No processo de reintegração ao seu país, o reencontro com os irmãos, Fernanda e Gervasio, já aculturados pela vivência nos Estados Unidos, torna ainda mais presente o medo de perder a identidade. Os dois irmãos, ao voltar ao Uruguai, poderiam naturalmente se expressar em

espanhol, já que foram adultos para os Estados Unidos e, portanto, sabiam falar o idioma materno fluentemente. No entanto, preferem utilizar expressões inglesas num país onde todos falam espanhol. Para um indivíduo, a língua é uma via de socialização e de acesso às relações sociais. Para Bonatti (1974, p. 87), na língua estão refletidas as preocupações e os objetivos dos falantes, assim como a história e a mentalidade de um povo. A língua, é, portanto, uma forma de identificação.

Ainda que a saída de seu país tenha sido forçada por motivos políticos, Javier luta para defendê-lo com honra e ser reconhecido como uruguaio. Isto pode ser visto no trecho abaixo, no qual o narrador conta que Javier, ainda na Espanha, sente-se perturbado quando um taxista lhe pergunta se é argentino:

*Sin embargo, cuando él subía en un taxi madrileño y ordenaba: Por favor, a la Plaza Cayao nunca acordaba de decir Callao), el chofer lo miraba con ayuda del espejito alcahuete y le preguntaba con sorna y seguridad: Argentino, ¿verdad?, y él debía recitar su bando explicativo número doscientos treinta y cuatro, aderezado además con el necesario estrambote de que Uruguay no es Paraguay. (BENEDETTI, 1997, p. 88)*

Neste trecho, a identificação é lingüística. Por uma questão fonológica, a diferente pronúncia do “ll”, o taxista percebe que está falando com um estrangeiro e supõe ser com um argentino. Acredita-se que essa associação se deu principalmente pela importância e destaque que a Argentina tem no contexto latino-americano. Ao responder ironicamente, nota-se o aborrecimento da personagem ao ser identificado como um argentino em vez de ser reconhecido como um uruguaio. Ao tratar do tema identidade, Merian (2000, p. 119) destaca a importância da identidade lingüística, afirmando que “a luta dos diferentes grupos lingüísticos pelo reconhecimento de sua língua não é retrógrada; é um elemento fundamental na formação da identidade própria e coletiva”.

Em certos momentos, o narrador, intrigado com os questionamentos da personagem, até defende a existência de uma identidade uruguaia:

*Todas las naciones, todos los pueblos, tenían su identidad y, aunque no siempre de modo conciente, la defendían. ¿Por qué este país, tan mensurable y alfabetizado, tan preciso en sus límites, los geográficos y los costumbristas, tan metido en su forma de corazón o de talega o quizá de teta menuda (que no es lo mismo que menuda teta) con su pezón montevideano no iba a tener su identidad? (BENEDETTI, 1997, p. 147)*

Embora, às vezes, exista essa preocupação com a individualização, em vários momentos, na obra, há referências à América Latina como um coletivo. Observa-se aqui o uso de “América Latina”, incluindo o Brasil, portanto. Analisando historicamente, o povo latino-americano tem muitas semelhanças e afinidades. O passado em comum pode fazer com que um uruguaio se identifique com um argentino ou um brasileiro. O escritor Uruguaio Eduardo Galeano (1990, p. 35) afirma que “muitas razões e mistérios fazem com que nos sintamos pedacinhos de uma pátria grande, onde seres do mundo inteiro e de todas as culturas marcaram um encontro, ao longo dos séculos, para misturar-se e, misturando-se, serem”.

A personagem da obra, Javier, fala da saudade que sente do futebol uruguaio, e na falta dele, de sua vontade em torcer, então, por qualquer time no qual jogue um uruguaio, ou um argentino, ou um mexicano, ou um brasileiro:

*Y ya que nadie te informa de cómo van Peñarol o Nacional o Wanders o Rampla Juniors, te vas convirtiendo paulatinamente en forofo (hinch, digamos) del Zaragoza o del Albacete o del Tenerife, o de cualquier equipo en que juegue un uruguayo, o por lo menos algún argentino, o mexicano, o chileno o brasileño.* (BENEDETTI, 1997, p. 20)

Na locadora de vídeos que abriu em Montevideú, Javier mostra-se feliz pelo interesse dos montevidéanos por diretores de cinema uruguaio, argentinos, mexicanos e brasileiros, além dos tradicionais europeus: “*Es estimulante ver cómo la gente llega preguntando por Fellini, Visconti, Bergman, Buñuel, Welles, etcétera, y (ahora que por fin somos latino americanos ) también por Gutiérrez Alea, Glauber Rocha, Leduc, Arístarain o Subiela.*” (BENEDETTI, 1997, p. 24). Aqui, por fim, a personagem assume o “ser” latino-americano.

## **Considerações finais**

A busca pelo reconhecimento de uma identidade própria hispano-americana de fato existe desde a época da colonização. E, na personagem principal de *Andamios*, Javier Montes, essa busca é ainda maior, devido às marcas do exílio.

Javier ao expressar-se lingüisticamente, foi identificado, primeiro como argentino na Espanha e, ao retomar, ao Uruguai, apesar de deixar transparecer a vivência no país europeu, devido ao uso de



vocábulos do espanhol peninsular, o uso do *vos*, garantiu-lhe a possibilidade de reintegrar-se e seguir identificando-se com o seu país. Assim, a língua é um dos meios pelo qual ele garantiu sua identidade hispano-americana.

Durante a vida na Espanha Javier não deixou ser influenciado pela cultura espanhola, ele demonstrou resistência para não ser outra vez colonizado, mesmo exilado, defendeu seu país e buscou afirmar a sua identidade. Nostálgico, procurava por tudo que pudesse remetê-lo ao seu país, ao seu povo, a sua cultura... E na falta de algo uruguaio, buscou, então, identificar-se com os países hispano-americanos e também com o Brasil. Apesar de o Brasil não ter sido colonizado pela Espanha, muitos são os aspectos que assemelham os brasileiros aos uruguaios: a posição geográfica, a língua parecida, e atualmente acordos políticos os unem, como o MERCOSUL, por exemplo, sem falar no fato de que o Uruguai foi também colonizado por Portugal, tendo este fundado o primeiro assentamento europeu naquele país. Javier, ao final, assume algo maior, o “ser” latino-americano.

## Referências

BENEDETTI, Mario. *Andamios*. Madri: Santillana, 1997.

\_\_\_\_\_. *Subdesarrollo y letras de osadía*. Madri: Alianza, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mario Benedetti: “Por respeto a los obreros, no pongo obreros en mis obras”*. Entrevista concedida a Sanjuana Martinez. Revista de Cultura Babad, n. 1, mar. 2000. ISSN · 1575-9385. Disponível em < [http://www.babab.com/no01/mario\\_benedetti.htm](http://www.babab.com/no01/mario_benedetti.htm) > Acesso em 03/06/2010.

BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS, 1992.

BERRY, Nicole. *O sentimento de Identidade*. SP: Escuta, 1991.

BONATTI, Mário. *Aculturação Lingüística...* SP: Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena. Lorena, 1974.

BRICEÑO, J. M. Guerrero. *La identidad europea en una visión latino americana*. In: BERND, Zilá (org.) *Olhares Cruzados*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

CUNHA-GIABBAI, Gloria da. *Benedetti y el porvenir de su pasado*. In: ALEMANY, Carmen. *Mário Benedetti: Inventário cómplice*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Alicante: 1997. Disponível em < <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12148733559026722209624/p0000006.htm> >

> Acesso em 04/06/2010.

DE GRANDIS, Rita. Processos de Hibridação Cultural. In: *Imprevisíveis Américas: questões de hibridação nas Américas*. BERND, Z. e DE GRANDIS, R (org.) Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1995.

GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América (que ainda não houve)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1990.

GONÇALVES, Adelto. Andrés Bello: o despertar da Consciência Americana. In: *Anuário Brasileiro de estudos hispânicos*. Brasília: *Consejería de Educación de la Embajada de España*, 1992.

MERIAN, Jean- Yves. Identidades Nacionais e identidades continentais na América Latina e na Europa. In: BERND, Zilá (org.) *Olhares Cruzados*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

MORAÑA, Mabel. *Barroco y Conciencia Criolla em Hispanoamérica*. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Lima, ano XIV, n. 28, 1988.